

## ACOLHIMENTO E EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS NO PROGRAMA PEC-G: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Lígia Rocha Cavalcante Feitosa<sup>3</sup>

Elka Lima Hostensky<sup>3</sup>

Dardielle Santos-Dias<sup>4</sup>

<https://doi.org/10.58086/nedz-xx56>

### Resumo:

Este artigo explora como o princípio educativo do acolhimento pode beneficiar as trajetórias acadêmicas de estudantes internacionais no Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) no Brasil. O estudo revisou sete artigos científicos nacionais sobre o acolhimento e experiências de estudantes do PEC-G, revelando desafios como inconsistências de políticas e iniciativas, preconceito, racismo e perda de identidade cultural. O artigo sugere que a psicologia pode contribuir para fortalecer os vínculos da comunidade universitária e apoiar a transição dos estudantes em um novo ambiente acadêmico e cultural. Ao promover uma comunidade acadêmica inclusiva e solidária, o princípio do acolhimento pode ajudar os estudantes internacionais a prosperarem em seus estudos e fomentar interações positivas entre culturas diferentes no ensino superior.

**Palavras-chave:** Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Acolhimento, Ensino superior, Estudantes internacionais.

### Introdução

O acesso à educação superior é uma temática muito discutida no cenário político e científico mundial. Um dos principais marcos para a internacionalização da educação superior foi a Conferência

---

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

<sup>4</sup> Instituto Travessias da Infância – SP. Toda a correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para: Lígia Rocha Cavalcante Feitosa; Endereço postal: Rua João Motta Espezim, 272, Ap 501, Saco dos Limões, Florianópolis, Santa Catarina, 88045-400. E-mail: [ligia.feitosa@ufsc.br](mailto:ligia.feitosa@ufsc.br)

Mundial sobre a Educação Superior para o século XXI (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 1998). Nesse evento, a mobilidade internacional foi mencionada como uma construção coletiva com vistas à democracia e à colaboração entre os países para a diminuição das diferenças socioeconômicas e educacionais.

A internacionalização da educação superior é concebida como o processo pelo qual busca-se integrar os aspectos do cooperativismo econômico e cultural aos objetivos educacionais. No entanto, conforme apresentado por Leal et al. (2020), o fenômeno da internacionalização da educação tem sido compreendido como um campo heterogêneo, cuja variedade de influências teóricas tornam esse objeto de estudo complexo, em que questões (de)coloniais, capitalistas e de poder estão postas. Apesar disso, muito tem sido feito para favorecer o trânsito de estudantes entre os países. Como exemplo, destacam-se a Cooperação Sul-Sul e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) como duas importantes articulações políticas que possibilitam a promoção do desenvolvimento a partir de trocas entre os países, formando a base da maioria dos programas de mobilidade internacional (Leal & Moraes, 2018). No Brasil, verifica-se o aumento expressivo no número de estudantes internacionais desde a década de 1960. Nessa direção, pode-se destacar o protagonismo do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), principalmente no debate acerca das condições de intercâmbio estudantil, com vistas a garantir o tratamento igualitário aos estudantes por parte das universidades.

O PEC-G é um acordo de cooperação internacional para acesso de cidadãos de países em desenvolvimento cursarem o ensino superior nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Desde 2013, o programa é regido pelo Decreto n. 7.948 (2013) que, administrado por dois ministérios brasileiros (Ministério das Relações Exteriores e Ministério da Educação), possibilita que estudantes internacionais, provenientes de países com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural e científico-tecnológico, realizem cursos de graduação e/ou pós-graduação em IES brasileiras.

De modo geral, o PEC-G materializa-se em uma cooperação educacional internacional pautada em acordos bilaterais que alcança, atualmente, 59 países, sendo a África o continente de origem da maior parte dos estudantes, com destaque para a representação dos países Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Desde os anos 2000, estima-se que mais de 9 mil jovens tenham sido selecionados para estudar nas IES brasileiras de norte a sul do país. Identifica-se uma maior oferta de número de vagas nos cursos de Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia (Bizon, 2014, Mourão & Abrantes, 2020).

Por meio do PEC-G, jovens de diversos países conveniados recebem bolsas-auxílio para viabilizar seus estudos no Brasil. Dentre os inúmeros benefícios desse programa, importa destacar o impacto no

desenvolvimento socioprofissional dos estudantes, bem como a possibilidade de agregar conhecimentos, novas tecnologias e diversidade ao mercado de trabalho no seu país de origem. De acordo com as produções científicas, os programas de internacionalização do ensino superior, geralmente, se destacam pelos benefícios proporcionados à permanência e integração de estudantes do PEC-G (Leal & Moraes, 2018; Lima & Feitosa, 2017). Para tanto, proporcionar aspectos básicos do bem-estar aos estudantes, tais como moradia, alimentação, transporte, acesso à cultura e assistência no processo ensino-aprendizagem podem ampliar as possibilidades de desenvolvimento das trajetórias dos estudantes PEC-G nas IES brasileiras (Dalla-Corte & Mendes, 2018).

Por outro lado, a literatura acadêmica também aponta que os estudantes internacionais vivenciam vários conflitos referentes às interações sociais realizadas dentro e fora das IES, questões que podem comprometer o desenvolvimento acadêmico e pessoal e, até mesmo, a permanência do jovem no Brasil (Maciel, 2017; Mourão & Abrantes, 2020). De acordo com esses autores, para minimizar o impacto de possíveis rupturas frente ao processo de chegada no ensino superior, são necessárias ações de acolhimento realizadas no âmbito do PEC-G, voltadas para o desenvolvimento de vínculos, promoção de saúde mental e o pertencimento do jovem ao contexto universitário. Tais aspectos transcendem o campo educacional e do trabalho e podem impactar as vivências e as trajetórias de vida dos jovens.

No contexto internacional, os estudos apontam para as desigualdades vivenciadas pelas pessoas em condição de imigração e o duplo estigma vivenciado em relação à etnia e gênero (Dionne & Dupuis, 2021). Associada a essa questão também há o registro das rupturas que acompanham boa parte dos estudantes que ingressam no ensino superior do ponto de vista da assimilação do sistema educacional e dos percursos que são possíveis para os estudantes no contexto universitário (Picard et al., 2011).

A condição do estudante PEC-G no Brasil também apresenta similaridades com esse cenário mais amplo e que é reflexo da condição global. Os estudos destacam que a maior parte desses estudantes são negros, cuja mobilidade internacional é marcada por incertezas e descobertas. Os conflitos culturais e situações de preconceito e discriminação que esses jovens frequentemente vivenciam dentro e fora das IES circunscrevem as representações que os brasileiros têm dos estudantes internacionais, sobretudo africanos (Bizon, 2014; Mourão & Abrantes, 2020). Ainda de acordo com esses autores, tem-se o registro paradoxal de que os jovens que vêm em busca de oportunidades e escolhem o Brasil, por entenderem ser um país mestiço e heterogêneo, são os que vivenciam racismo e exclusão.

Além disso, a dificuldade de acolher esses estudantes internacionais, a partir de seus referenciais culturais, é constante nas IES brasileiras. Isso faz com que o aluno PEC-G tenha que se adaptar para se inserir no contexto universitário. De acordo com Mourão e Abrantes (2020), esse processo é ainda mais conflituoso quando há barreira linguística e que, mesmo nos casos em que os estudantes vêm de um país cuja língua oficial é o português, há o estranhamento do sotaque.

Em atenção aos desafios e riscos psicossociais que os estudantes PEC-G podem vir a experimentar na vivência universitária no Brasil, acrescenta-se ao debate o que Munanga (2001) destaca sobre a “massificação cultural” dos estudantes internacionais. Para o autor, muitas são as demandas, ainda que sutis, para que o estudante se adeque às culturas institucional e brasileira, ao passo que há poucos espaços de expressão da identidade cultural desses alunos. De acordo com Munanga (2001), essa massificação pode ocasionar o apagamento da identidade e a marginalização desses jovens. Coadunada a essa perspectiva, Marques (2013) acrescenta que quanto mais o jovem se adequa no contexto em que ele se encontra inserido, mais facilidade ele tem de estabelecer relações sociais. No entanto, nem sempre essa situação é positiva, visto que pode acarretar a fragilização das identidades dos estudantes internacionais.

Diante do exposto, é importante destacar que a mobilidade internacional no ensino superior pode acarretar conflitos entre os códigos culturais e identitários dos jovens. Porém, defende-se que as diferenças devem ser valorizadas e consideradas como essenciais para o processo formativo dos estudantes internacionais, bem como do corpo institucional que o recebe. Desse modo, por mais que as barreiras culturais estejam postas, a fragilização da identidade dos estudantes internacionais não deve ser condição para garantir o status de pertencimento desses jovens à IES e comunidade local.

Adicionalmente a essa discussão, a noção de “estrangeiridade” também pode ajudar na compreensão das dificuldades enfrentadas pelos estudantes do PEC-G. De acordo com Mallard et al. (2015), o conceito de estrangeiridade é interpretado como uma posição subjetiva e faz referência aos impasses no encontro com o outro. Nesse sentido, pode-se ressaltar que a estrangeiridade não é uma circunstância vivenciada por todo aluno internacional, visto que está ligada ao quanto o indivíduo sente-se reconhecido e acolhido no contexto em que está inserido.

Essa questão, portanto, pode atravessar as vivências dos estudantes internacionais no âmbito do PEC-G, em que a vinculação dos jovens com a realidade social geralmente é precária e, por conseguinte, desencadeia vivências conflituosas e experiências de estrangeiridade. Frente a essa perspectiva, destaca-se a relevância de se discutir o processo de acolhimento no contexto universitário como estratégia de fortalecimento de vínculos e pertencimento dos estudantes internacionais,

auxiliando-os a se perceber e serem percebidos no contexto social e nas relações estabelecidas ao longo da sua formação acadêmica.

A temática do acolhimento no ensino superior é pouco discutida no cenário científico atual. Além disso, verifica-se uma multiplicidade de considerações acerca desse conceito. Em linhas gerais, entende-se por acolhimento como um processo de integração dos estudantes à vida acadêmica, por meio de iniciativas institucionais e da própria comunidade universitária, tais como recepção aos calouros, divulgação das políticas voltadas à permanência dos alunos na IES, apresentação dos espaços institucionais, entre outros, estratégias que possibilitam a vinculação do estudante ao corpo institucional (Anselmo, Santos-Dias & Feitosa, 2022).

De acordo com Dazzani et al. (2021), a universidade pode se constituir como um importante espaço de valorização de posicionamentos intelectuais e afetivos. Nesse sentido, importa desenvolver e fortalecer uma cultura universitária que, frente aos seus ideais constitutivos de respeito à diversidade e igualdade, rejeita o discurso de exclusão de estudantes em decorrência de suas condições de raça e origem, por exemplo, provocando silenciamentos por medo de constrangimentos e intimidações (Okawati, 2015).

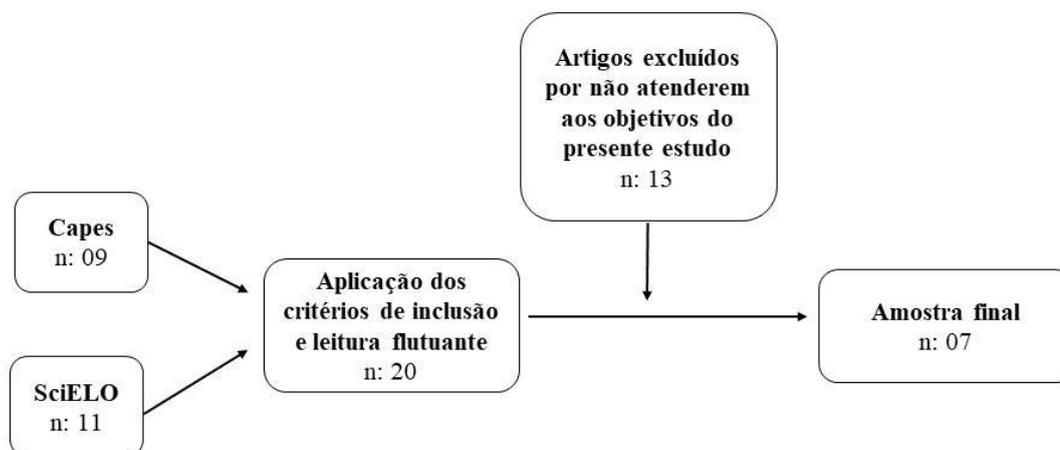
No âmbito do PEC-G, verifica-se escassez de estudos que considerem alguns marcadores culturais e de migração essenciais ao processo de acolhimento dos jovens, como o preconceito, estrangeiridade e pertencimento, já apresentados neste texto. Pode-se observar que as ações realizadas geralmente se dão de maneira isolada, apontando para a necessidade de articulações entre as políticas educacionais e as práticas realizadas pelas IES (Mourão & Abrantes, 2020; Silva et al., 2018). Além disso, as ações empregadas, de maneira geral, fazem referência à recepção dos alunos do PEC-G e ao acompanhamento econômico e acadêmico desses jovens (Leal & Moraes, 2018). No entanto, acredita-se que o acolhimento transcende às práticas citadas, pois deve-se atentar aos referenciais culturais que estudantes internacionais possuem, de modo a evidenciar que os marcadores socioculturais e das diferenças são os principais meios de trocas entre estudante do PEC-G, a instituição e a comunidade universitária em geral.

Sob a defesa da importância de compreender a configuração das trajetórias de estudantes internacionais PEC-G como parte do processo de integração no contexto universitário, o objetivo deste artigo é discutir o que os estudos científicos trazem sobre o acolhimento e experiências de estudantes internacionais no PEC-G, evidenciando os desafios que esses estudantes enfrentam no processo de internacionalização. Adicionalmente, as discussões aqui realizadas tratam das possíveis contribuições da psicologia para atenção e fortalecimento da vida universitária dos estudantes PEC-G.

### Método

Este artigo consistiu em um levantamento acerca do estado da arte sobre o acolhimento e experiências de estudantes internacionais, a partir do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Para o levantamento dos artigos científicos, foram visitados os seguintes repositórios eletrônicos: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os critérios de inclusão para a escolha dos artigos foram os seguintes: (a) publicados no intervalo temporal de 10 anos (2011-2021); (b) disponíveis em língua portuguesa; (c) uso do descritor PEC-G no título, resumo, palavras-chave e/ou ao longo do texto e (d) menção acerca do acolhimento no ensino superior. Foram excluídos os trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, bem como os estudos internacionais. A seguir, a figura 1 apresenta as etapas do estudo realizadas pelas autoras.

**Figura 1:** Etapas do levantamento do estado da arte.



**Fonte:** Elaboração Própria.

No levantamento inicial da produção científica sobre o tema foram encontrados 20 artigos, sendo 9 disponíveis no SciELO e 11 na plataforma CAPES. Posteriormente, foram realizadas a leitura flutuante dessas produções e, a partir disso, foi identificado que 13 estudos não atendiam aos objetivos do presente artigo. Para análise completa das produções, foi feita a leitura na íntegra de 07 estudos. Com base na análise de conteúdo categorial de Bardin (1991), a leitura dessas produções envolveu três

etapas, a saber: (a) leitura na íntegra dos estudos selecionados; (b) interpretação do material e elaboração dos principais indicadores; e (c) descrição dos resultados encontrados e discussão.

A análise categorial da produção científica encontrada no período de 10 anos (2011 a 2021) permitiu discutir os resultados em 3 categorias: (a) Caracterização do Programa Estudante-Convênio Graduação (PEC-G): desafios e perspectivas, que discorre sobre os apontamentos realizados pelos estudos acerca das principais características e impasses enfrentados pelas IES e pelos alunos do PEC-G; (b) Tensões étnico-raciais na universidade, que versa sobre as considerações feitas pelos autores sobre as relações identitárias e territoriais dos alunos internacionais; e (c) Ações de acolhimento para estudantes internacionais, que analisa as iniciativas de acolhimento adotadas pelas IES para os alunos do PEC-G e (d) Contribuições da Psicologia para o Acolhimento no Ensino Superior, que discute as possibilidades de inserção da psicologia nesse cenário.

### ***Caracterização do Programa Estudante-Convênio Graduação (PEC-G): desafios e perspectivas***

Esta categoria reúne os apontamentos presentes nos estudos sobre características e impasses enfrentados pelas IES e pelos alunos do PEC-G. Nessa categoria são apresentados 3 estudos (Leal & Moraes, 2018; Pizzinato et al., 2017; Bizon, 2014).

Leal e Moraes (2018) realizaram um ensaio teórico, a partir de um levantamento bibliográfico e documental com o objetivo de caracterizar o PEC-G sob a ótica da Cooperação Sul-Sul brasileira. Nesse artigo, os autores fizeram um recorte histórico do desenvolvimento do PEC-G, analisando os aspectos da criação do programa, bem como as atualizações ocorridas ao longo das décadas. Segundo os autores, inicialmente, o PEC-G surge como uma política pautada na segurança nacional no contexto do golpe militar de 1964. Nesse período, acreditava-se que o Brasil se desenvolveria a partir do princípio de segurança nos processos realizados, sendo assim, o Decreto nº 55.613 (1965) da criação do PEC-G estabelecia, em especial, as obrigatoriedades e compromissos dos estudantes que viriam estudar no Brasil.

Dentre as principais diretrizes, ressalta-se a submissão ao regulamento da IES, o não envolvimento na política interna brasileira e a exigência do aluno possuir meios suficientes para se manter no Brasil. Após o decreto de 1965, outros protocolos foram estabelecidos nos anos de 1967, 1974, 1986, 1987, 1993, 1998 e 2013, cujas atualizações possibilitaram a flexibilização do PEC-G, principalmente no que se refere à transferência entre as IES e cursos, aceitação de reprovação em disciplinas mais de uma vez, a instituição do exame de língua portuguesa, entre outros (Leal & Moraes,

2018). Esses autores discutem sobre a proibição do aluno PEC-G realizar atividades remuneradas, exceto em casos de estágios curriculares, projetos de pesquisa e/ou extensão. Essa situação gera incompatibilidade de valor com o custo de vida que esses estudantes têm nas cidades brasileiras. Os autores concluem que as condicionalidades e burocracia excessivas acabam por tornar o PEC-G restritivo, obstaculizando o alcance do seu principal objetivo, que é a cooperação política para fins econômicos.

Pizzinato et al. (2017) realizaram um estudo qualitativo, a partir de observação-participante e entrevistas semiestruturadas, com oito estudantes internacionais em uma universidade localizada no interior do Nordeste brasileiro. Os autores objetivaram analisar os sentidos e significados atrelados à experiência de internacionalização dos alunos PEC-G. Os resultados obtidos pelos pesquisadores apontaram que as trajetórias de vida e os aspectos anteriores da vinda ao Brasil são relevantes para a tomada de decisão do aluno em ingressar ou não no processo de internacionalização. Os autores destacam a importância do apoio, expectativas e valores familiares do estudante, de modo que quanto mais valorizada é a vivência internacional no âmbito familiar, maiores são as chances do aluno realizar o processo. Além disso, muitas vezes o aluno PEC-G tem proximidade com alguém que realizou intercâmbio, cujas experiências influenciam na tomada de decisão em vir para o país.

Os autores ressaltam que, ao chegarem no Brasil, os alunos PEC-G geralmente são acolhidos na IES por veteranos também intercambistas. Esse primeiro contato é determinante para a permanência ou desistência do aluno no programa, troca de IES e/ou curso. No decorrer da sua estadia aqui no Brasil, os estudantes andam em grupo com outros estudantes internacionais ou sozinhos. Nesse sentido, os autores destacam a baixa interação social dos alunos PEC-G com os demais estudantes brasileiros. Além disso, os autores inferem que os estudantes “fortes”, ou seja, aqueles que conseguem superar os impasses iniciais, geralmente ficam para a pós-graduação (PEC-PG). Os autores concluem que, apesar das dificuldades encontradas, o PEC-G ainda se comporta como uma estratégia valiosa para os alunos internacionais, por proporcionar acesso ao ensino superior gratuito e possibilidade de promoção social.

Bizon (2014) realizou um estudo qualitativo com quatro estudantes internacionais africanos congolezes com o intuito de verificar como esses jovens narram seus processos des(re)territorialização. De acordo com essa autora, as dificuldades econômicas são um aspecto muito recorrente no discurso dos alunos PEC-G. Eles se mantêm aqui no Brasil através de recursos enviados por seus familiares e, muitas vezes, a realidade socioeconômica das famílias são escassas. É importante destacar que as universidades federais oferecem moradia universitária e bolsas-auxílio para os estudantes que se

enquadram no perfil socioeconômico. No entanto, esses benefícios se mostram incompatíveis com o custo de vida no Brasil, sobretudo nas capitais.

Outro aspecto ressaltado por Bizon (2014) é o seccionamento das atividades desenvolvidas no PEC-G, de modo que se verifica imensa desarticulação entre as iniciativas executadas pelas IES e pelo MEC, na estruturação da própria política do programa. Segundo a autora, o Decreto 7.948 (2013) é o regimento amplo do PEC-G e, a partir disso, as IES montam as suas ações voltadas para os estudantes internacionais, que consistem em atividades isoladas e não como um “projeto em que cujas bases se fixam na noção de processo” (Bizon, 2014, p.59). A autora conclui que não basta garantir a entrada do aluno PEC-G e acompanhá-lo em termos acadêmicos e assistenciais. As IES devem promover políticas de integração e desenvolvimento de vínculos entre os pares, com os estudantes brasileiros, docentes e corpo administrativo, favorecendo a promoção dos estudantes no processo de des(re)territorialização.

### ***Tensões étnico-raciais na universidade***

Esta categoria engloba as produções que discutem as relações identitárias dos alunos internacionais na relação com o território. Os estudos que compõem essa categoria totalizam o quantitativo de 4 artigos (Mourão & Abrantes, 2020; Maciel, 2017; Pizzinato et al., 2017; Lima & Feitosa, 2017).

Os estudos de Mourão e Abrantes (2020) e Maciel (2017) propõem refletir sobre os impactos do fluxo internacional migratório de estudantes africanos, tanto para os migrantes quanto para a localidade de acolhimento. O contexto da pesquisa se centra na experiência da criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), na cidade de Redenção no Ceará, como parte de uma política pública de interiorização do ensino superior e cooperação internacional com Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Esta cidade cearense, finais do século XIX, recebeu a alcunha de cidade da liberdade (Maciel, 2017), por ter sido o primeiro núcleo urbano a libertar os escravizados, antes mesmo de promulgada a Lei Áurea, em 1888 (Mourão & Abrantes, 2020). O evento marcou de modo significativo a sociedade local no tocante às referências concretas ao abolicionismo; na linguagem urbana presente nos espaços em forma de nome de ruas, praças, monumentos, museus, edificações novas e antigas, estabelecimentos comerciais; na narrativa e no mito amplamente aceito e disseminado sobre a não existência de negros no Ceará.

Ao questionar a mudança de usos e representações dos espaços urbanos, provocada pela presença dos estudantes africanos, Maciel (2017) argumenta que os modos de incorporação da diáspora africana hodierna à narrativa de Redenção desvelam tensões e ambiguidades sobre os sentidos da palavra liberdade; uma dinâmica de (in) visibilidade que caracteriza a presença de estudantes internacionais. Se para os redencionistas os novos africanos são descendentes de escravos, para esses alunos que vêm estudar no Brasil, não há correspondência entre a atual diáspora e os sentidos de liberdade atribuídos pelos moradores locais. O encontro de nacionalidades no campus, ao possibilitar a reconstrução e invenção de uma africanidade, caracteriza-se como principal espaço africano de sociabilidade, revivência das formas de pertencimento de suas sociedades tradicionais e manifestação identitária. A presença dos alunos internacionais surge como marco orientativo de novos usos da topografia da liberdade, tipificados como recreativos, artísticos, educacionais e políticos, os quais produzem camadas sobre o imaginário expressos em espaços, palavras e ações.

O debate sobre racismo, constituição dos processos identitários e relações de poder estabelecidos nas relações sociais aparece de modo mais contundente no estudo de Mourão e Abrantes (2020), inspirados na perspectiva de Hall (1990). Para os autores, estranhamentos mútuos, ausência de comunicação, tensões étnico-raciais, conflitos, situações de rejeição e desconfiança, preconceito e discriminação racial são acionados nas interações cotidianas entre estudantes africanos, estudantes brasileiros da região e a população local, afetando as identidades.

O artigo de Pizzinato et al. (2017) aborda a inserção universitária, por meio do PEC-G, de jovens africanos no Brasil. A perspectiva teórica utilizada está centrada nos estudos interseccionais para compreender como as questões raciais e gênero forjam as trajetórias educacionais desses estudantes. Nesse sentido, esses autores apresentam o recorte do contexto universitário para discutir essas relações por meio das narrativas de estudantes PEC-G ao longo de suas trajetórias educacionais, projetos de vida e profissionais, e percepção do contexto sociocultural brasileiro. Para tanto, fizeram uso de entrevistas narrativas com quatro estudantes africanas intercambistas na PUC-RS, originárias de Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Os principais resultados apontam para a importância do apoio familiar e das expectativas parentais no incentivo à migração para atender uma necessidade de escolarização. Entendem que emigrar por um tempo como forma de investimento na formação educacional pode melhorar a própria situação econômica a longo prazo, visto que amplia as possibilidades de obter espaços de atuação profissional. Além disso, apontaram a experiência cultural no Brasil como uma perspectiva positiva, uma vez que tem a representação de ser um país acolhedor aos estudantes internacionais.

Tradicionalmente, o Brasil é considerado um país constituído por uma suposta democracia racial. A maioria das representações que evocam essa abertura é atribuída ao fato de o país ter uma grande diversidade étnica-racial quando em comparação a outras realidades no cenário internacional. No entanto, há discrepâncias significativas nesse argumento quando, por exemplo, são identificadas dentro do próprio país, regiões onde pessoas negras são discriminadas por conta de sua cor. Nessa direção, a percepção de que havia uma cultura individualista e não acolhedora pelos brasileiros foi recorrente no relato das estudantes da pesquisa, bem como experiências de crimes como o racismo e a indiferença de alguns estudantes brasileiros a sua cultura.

Diante desse contexto, Pizzinato et al. (2017) apresentam algumas alternativas que podem ser incorporadas à vivência universitária, como maneira de contribuir para a construção do senso de uma comunidade universitária e mitigar as assimetrias de raça e gênero no ensino superior. Dentre algumas estratégias apresentadas pelos estudantes, destacam a importância de difundir os hábitos alimentares, sociais e culturais de estudantes internacionais como forma de apresentar a trajetória deles e diminuir as sensações de desamparo por estarem vivendo em um outro país e com outros ritos culturais.

O artigo de Lima e Feitosa (2017) analisa os significados que permeiam a experiência migratória de estudantes africanos do Programa Estudante Convênio-Graduação em uma Instituição de Ensino Superior (IES) nordestina. Com base no aporte do construcionismo social e psicologia social, os autores evidenciam os impactos da migração para estudantes que buscam a formação acadêmica em outro país e o contato com outra visão de mundo e novos significados quando acessam ao ensino superior.

Nesse estudo, Lima e Feitosa (2017) retomam o aumento do interesse das produções na área das ciências humanas para apresentarem os efeitos do fluxo migratório no contexto da formação acadêmica. Mencionam que o Brasil não é um dos países mais expressivos em matrículas de estudantes internacionais no ensino superior quando comparados à realidade de outros países do continente norte-americano e europeu, por exemplo. Contudo, é o país referência para estudantes latino-americanos e africanos que almejam ingressar no ensino superior, uma vez que nessas realidades a oferta da graduação é recente ou exige investimento que dificultaria o acesso em larga escala.

Ainda sobre produção do conhecimento que estabeleçam análises educacionais e culturais entre Brasil e África, poucos são esses registros que discutam a integração desses estudantes nas IES brasileiras e os sentidos e significados que estudantes internacionais atribuem às suas vivências de estudar no Brasil (Lima & Feitosa, 2017). Quando se acessa, mais especificamente, o campo do conhecimento da psicologia, essas autoras evidenciam o volume expressivo de produções referentes

aos processos migratórios, porém, ainda são residuais os que versam sobre estudantes internacionais no contexto universitário.

Sob a perspectiva de conhecer as ideias e memórias produzidas por meio da linguagem, Lima e Feitosa (2017) entrevistam oito estudantes de uma IES no nordeste do país. Por meio de entrevistas semiestruturadas, buscam conhecer o que significa para esses estudantes estar em uma universidade brasileira, como foi a adaptação no país, quais foram as formas de subsistência, quais são as redes de apoio que mobilizaram no país e que projetos de futuro possuem.

Dentre os resultados mais representativos, as autoras discutem a barreira cultural e linguística no processo de acolhimento e integração desses estudantes. Mesmo que esses estudantes entendam e reconheçam a importância da formação acadêmica e os benefícios que podem obter com ensino público e de qualidade, muitos relatam dificuldades de acompanhar os estudos e de obter apoio da comunidade universitária local. Por isso, muitos desses estudantes preferem se apoiar entre pares (outros estudantes africanos) ou até mesmo desistir do curso de graduação.

O país de oportunidade, como é conhecido o Brasil, é um dos grandes motivadores para a permanência desses estudantes no ensino superior. De acordo com Lima e Feitosa (2017), entendem que melhorar a escolaridade pode levá-los a uma posição privilegiada e melhor colocação profissional. Esses estudantes mantêm vívida a relação de estudos universitários como melhor projeto de vida. No tocante a integração no território, esses estudantes percebem semelhanças com seus países de origem, o que facilita o processo de afiliação na cidade e distinguindo das percepções de outros estudantes internacionais que estão na região sul e sudeste brasileiro.

De modo geral, o discurso de que o Brasil é um país multicultural e que, por conseguinte, mantém atmosfera harmoniosa entre pessoas de diferentes origens passa ser questionável quando se tem acesso às percepções de muitos estudantes PEC-G (Lima & Feitosa, 2017). As diferenças de classe, especialmente para os grupos historicamente vulnerabilizados, podem ser exemplos que potencializam essa assimetria na experiência de viver em território brasileiro.

No diálogo com produções internacionais, Dionne e Dupuis (2021) apontam a existência de vários estudos que mostram as desigualdades enfrentadas por pessoas em situação de imigração e a dupla discriminação relacionada à etnia e gênero. A condição dos estudantes do programa PEC-G no Brasil apresenta semelhanças com esse cenário mais amplo, que é um reflexo da condição global. Além disso, como observado por Picard et al. (2016), há também a questão das dificuldades enfrentadas pelos

estudantes ao ingressar no ensino superior, incluindo a assimilação do sistema educacional e as oportunidades disponíveis dentro do contexto universitário.

### ***Ações de acolhimento para estudantes internacionais***

Esta categoria dispõe sobre as iniciativas de acolhimento adotadas pelas IES para os alunos do PEC-G e os apontamentos sobre as possibilidades de inserção da psicologia nesse cenário. Esta categoria é constituída por 2 estudos (Silva et al., 2018; Maciel, 2017).

O artigo de Silva et al. (2018) dá ênfase ao Projeto de Extensão Núcleo de Apoio a Imigrantes e Refugiados (NAIR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por meio da ação do Eirenè (Centro de pesquisa e práticas Decoloniais e Pós-Coloniais aplicadas às Relações Internacionais e ao Direito Internacional) em parceria com a Pastoral do Migrante de Florianópolis. O objetivo do estudo é caracterizar a recente migração africana na região da Grande Florianópolis e para tanto situam o estado de Santa Catarina na rota da diáspora africana desde o século XVII.

Nesse estudo, os autores desvelam o legado dos povos africanos na historiografia da região; apresentam o perfil do público atendido no projeto em termos de nacionalidade, escolaridade, gênero, e classificam suas demandas em dois grupos: de proteção, relacionada aos domínios do Direito e regularização migratória, e; de integração, com foco destinado à inserção no mercado de trabalho local. Também é escopo deste projeto realizar encaminhamentos a diferentes órgãos públicos, a depender da necessidade de cada indivíduo. No que diz respeito aos estudantes do PEC-G atendidos no âmbito desse projeto de extensão, os resultados informam que suas demandas são diversas, ao mesmo tempo em que reconhecem que esse público-alvo tem certos benefícios quando comparados aos demais imigrantes atendidos no serviço. Os autores concluem afirmando que, em razão da omissão dos poderes públicos estaduais e municipais, a UFSC, por meio deste projeto, ladeada por políticos progressistas e entidades da sociedade civil organizada, têm assumido o protagonismo no acolhimento das populações diaspóricas na região.

Além disso, Silva et al. (2018) fazem apontamentos importantes que devem ser observados no processo de acolhimento dos alunos PEC-G. Segundo eles, quanto maior for a barreira cultural, maior é a “despersonalização” da identidade do aluno e, conseqüentemente, maior é a vulnerabilidade deste. Essas questões são acrescidas com silenciamento dos órgãos públicos, escassez e inoperabilidade das ações de acolhimento, fazendo com que os alunos PEC-G sejam responsáveis somente da IES. Nesse

sentido, é importante reconhecer os estudantes internacionais, não como um problema a ser resolvido, e sim como uma oportunidade de realizar trocas, diálogos e de aprendizado intercultural. E se o processo de acolhimento é baseado em trocas, deve haver abertura para receber as particularidades culturais do estudante. Por fim, os autores ressaltam a importância das práticas e parcerias realizadas especialmente na IES. Porém, destaca-se que a institucionalização das ações não é suficiente para o acolhimento do aluno PEC-G, visto que falta assertividade dos setores públicos e articulações entre as políticas e atividades desenvolvidas.

Maciel (2017) também menciona que, apesar de não tratar especificamente da temática de acolhimento, é importante pensar no processo de acolher os alunos PEC-G. Esse autor destaca que o lugar que geralmente é destinado aos estudantes internacionais consiste em um “não-lugar”, ou seja, alguém que está em trânsito, alguém que está, mas não pertence. Nessa perspectiva, o autor destaca que a utilização dos ambientes institucionais por meio dos alunos PEC-G, tanto nas IES quanto na comunidade local, se dá de maneira ocasional. Discute ainda de que maneira é possível acolher os estudantes internacionais para que eles possam pertencer ao local que se encontram inseridos.

Nesse sentido, Maciel (2017) sustenta a ideia de que os usos recreativos, artísticos, educacionais e políticos no âmbito intra e extra IES são fundamentais para os estudantes internacionais. O autor cita algumas iniciativas positivas praticadas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em Redenção (Ceará), tais como a utilização de vestimentas e adereços típicos, bem como o uso da língua materna; as festividades em comemoração do “Dia da África”, com vistas ao fortalecimento das identidades africanas, além de projetos de extensão em espaços da cidade para apresentação e discussão de temáticas sobre a cultura africana. Outras atividades citadas fazem referência às oficinas de Hip-Hop em 2014, realizadas pelos estudantes internacionais destinados aos demais estudantes da Unilab e para a comunidade local. Ainda em relação às atividades culturais, em 2015, um grupo musical de alunos africanos da Unilab gravou um CD com músicas produzidas por eles próprios, nomeado por “A.Se.Front” (África Sem Fronteiras). A partir de então, o grupo passou a fazer várias apresentações na cidade e nos municípios vizinhos.

Em relação às apropriações nos espaços educacionais, Maciel (2017) destaca os projetos de ensino e extensão realizados nas escolas da rede pública municipal de Redenção e de Maciço do Baturité, em que os alunos internacionais ministravam palestras e eventos sobre a cultura de seus países. Segundo o autor, essas atividades se mostraram como ocasiões oportunas para tratar de temáticas caras aos alunos africanos, tais como cor de pele, tipo de cabelo, roupas típicas, possibilitando combater os estigmas e preconceitos vivenciados cotidianamente. Por fim, o autor defende a

importância do posicionamento sociopolítico dos estudantes internacionais, como forma de apropriação da topográfica.

Nessa direção, as discussões propostas por Leal et al. (2020) ressaltam que o processo de internacionalização da educação superior pode comportar importantes estratégias de novas formas de “ser e de saber”, à medida que busca a promoção de saberes decoloniais que subvertem a lógica de poder e hierarquia capitalista vigente. Dazzani et al. (2021) acrescentam que a universidade pode se constituir como um importante espaço de valorização de posicionamentos intelectuais e afetivos. Nesse sentido, importa desenvolver e fortalecer uma cultura universitária que, frente aos seus ideais constitutivos de respeito à diversidade e igualdade, rejeita o discurso de exclusão de estudantes em decorrência de suas condições de raça e origem, por exemplo, provocando silenciamentos por medo de constrangimentos e intimidações (Okawati, 2015).

### ***Contribuições da Psicologia para o Acolhimento no Ensino Superior***

Como ponto de partida para esta discussão, a questão central que perpassa esse debate é "por que é essencial fornecer espaços de acolhimento e apoio específico para a população estudantil da universidade?" A integração plena à comunidade universitária é um dos pilares fundamentais da vida acadêmica, e isso envolve não apenas estar conectado(a) com colegas e professores, mas também produzir conhecimentos que atendam às necessidades locais, regionais e nacionais. Uma das maneiras mais eficazes de garantir esse pilar é através da construção de espaços acadêmicos colaborativos que fortaleçam os vínculos e trajetórias de todos os membros que compõem a universidade. Adicionalmente, por meio desses espaços, defende-se uma convivência pelo bem comum, respeitando e valorizando a diversidade como um elemento garantidor de um ambiente saudável e potente.

Nesse sentido, compreende-se que a dimensão educativa do acolhimento pode ser incorporada na institucionalidade por meio do trabalho das equipes de serviços administrativos e acadêmicos, que podem promover: (a) uma comunidade universitária engajada e comprometida com as questões históricas, econômicas, raciais, de gênero e de território da população estudantil; (b) espaços dedicados a promover o apoio cultural e o senso de pertencimento na universidade; (c) espaços físicos e oportunidades significativas de intercâmbio; (d) serviços psicossociais que estejam alinhados com as políticas educacionais; (e) continuidade do apoio financeiro à população estudantil; (f) suporte para os processos de aprendizagem e formação; e (g) apoio à equipe técnica que atua com as diversas populações estudantis.

Com base nesse entendimento, à luz do campo da psicologia, o acolhimento no ensino superior pode ser compreendido como um processo que visa apoiar e acompanhar os estudantes em sua relação com os professores, a estrutura e a cultura universitária (Anselmo et al., 2022). Sob a perspectiva desenvolvimentista do acolhimento no ensino superior, é fundamental que os serviços de apoio aos estudantes na universidade levem em consideração as seguintes dimensões para orientar sua atuação profissional:

a. Dimensão Relacional/Subjetiva: considerando aspectos como o tipo de apoio que o estudante vem recebendo, bem como os significados e sentidos atribuídos por ele ao ingressar no ensino superior;

b. Dimensão Institucional: abrangendo as medidas adotadas pelas políticas educacionais e pela gestão universitária para promover o desenvolvimento acadêmico do estudante, incluindo o acompanhamento e o suporte à vida estudantil no ensino superior;

c. Dimensão Formativa: fortalecendo espaços de aprendizagem diversos, inclusivos e criativos para a comunidade estudantil.

Entendendo que processos educacionais podem ser promotores de acolhimento e permanência, cabe à universidade propor ações que aproximem a comunidade estudantil de um percurso acadêmico e profissional profícuo na academia. É fundamental, portanto, que a universidade promova e planeje oportunidades coletivas e institucionais de comunicação entre os diversos setores e servidores, com o objetivo de fornecer suporte adequado aos estudantes diante de suas necessidades e questões específicas, de maneira sistemática e relacional.

### **Conclusão**

O Programa Estudante Convênio-Graduação (PEC-G) é uma importante estratégia de cooperação internacional que oferece oportunidades para que os estudantes venham ao Brasil realizar um curso superior e, dessa maneira, ampliar as possibilidades de atuação profissional nos seus países de origem. Nesse sentido, verifica-se que as experiências produzidas por meio do PEC-G impactam significativamente a trajetória de vida desses jovens que, para além da construção dos percursos profissionais e de trabalho, se deparam com vários obstáculos, tais como a saudade de casa, impasses culturais, dificuldades de se inserir nos grupos sociais, integração na comunidade universitária, racismo, entre outras situações de exclusão. No entanto, apesar das lacunas e contradições encontradas nas vivências dos alunos PEC-G, verifica-se que este programa comporta-se como uma das principais estratégias que possibilitam que os estudantes internacionais tenham acesso à educação superior de

qualidade e, a partir disso, se desenvolvam profissionalmente, questão que repercute em suas vidas, de suas famílias. De modo paralelo, a presença dos estudantes internacionais no país de recepção reflete não só na comunidade universitária, mas também no território, nas relações interpessoais estabelecidas entre migrantes e locais, nos modos de uso dos espaços urbanos.

Em virtude de as produções acadêmicas nacionais ainda serem residuais acerca da dimensão educativa na produção do acolhimento das experiências universitárias de estudantes PEC-G, esse estudo teve por objetivo mapear as ações de acolhimento realizadas juntos aos estudantes internacionais no PEC-G, bem como elucidar os desafios que esses estudantes enfrentam no processo de internacionalização. O levantamento do estado da arte possibilitou verificar que a maior parte das pesquisas realizadas com os alunos do PEC-G se concentram no levantamento de informações e análise dos perfis dos intercambistas.

Adicionalmente, pode-se compreender o quanto a questão identitária no Brasil está posta, principalmente porque este país é em sua maioria negro e mestiço, mas não se reconhece como tal. Por consequência, a recepção de estudantes negros pode ser atravessada por relações permeadas por preconceito e exclusão.

Em atenção a esses resultados, entende-se que as ações de acolhimento podem ser essenciais para contribuir para o desenvolvimento de vínculos, promoção de saúde mental e o pertencimento do jovem no contexto universitário. Nessa direção, foram identificadas nos estudos analisados a recorrente associação das ações de acolhimento às estratégias integrativas do estudante internacional. Por outro lado, é possível observar que, ao longo desse processo, demandas de adaptação ao contexto e regulamentações da IES por parte dos estudantes é majoritariamente esperado.

Para ampliar esse debate, defende-se a perspectiva de que o processo de acolhimento deve basear-se em trocas socioculturais e nas considerações do que é entendido por acolhimento na perspectiva do jovem usuário do PEC-G. Nessa direção, as ações devem ser realizadas a partir das particularidades dos estudantes, o que significa ser sensível às necessidades socioculturais, de raça, gênero e território desses estudantes no cotidiano universitário. Entende-se que esse movimento pode permitir a preservação da identidade cultural do estudante, bem como a resolução de parte dos conflitos vivenciados.

Com base nas contribuições da psicologia, sob a perspectiva desenvolvimentista do acolhimento nas universidades, os serviços de apoio aos estudantes na universidade precisam considerar os significados e sentidos atribuídos que os estudantes atribuem ao ingressar no ensino

superior. Além disso, adotar políticas educacionais e da gestão universitária para promover o desenvolvimento acadêmico do estudante, incluindo o acompanhamento e o suporte à vida estudantil no ensino superior. Por fim, fortalecer espaços de aprendizagem diversos, inclusivos e criativos para a comunidade estudantil.

### Referências

- Anselmo, M. R., Santos-Dias, D., & Feitosa, L. R. C. (2022). Entrelugares para o acolhimento no ensino superior: Breve reflexão acerca do estado da arte. In C. A. Silva & A. G. Fernandes (Eds.), *Psicologia escolar e educacional: ensaios da dimensão prática e da pesquisa* (pp. 63-79). Parnaíba: Acadêmica Editora. <https://doi.org/10.29327/568586>
- Bardin, L. (1991). *Análisis de contenido* (vol. 89). Ediciones Akal.
- Bizon, A. C. C. (2014). Narrando o exame Celpe-Bras e o convênio PEC-G: a construção de territorialidades em tempos de internacionalização. *Revista da FAEEBA* (online), 23(41),1-2. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/861>
- Dalla Corte, M. G., & Mendes, F. Z. (2018). Políticas públicas e internacionalização da Educação Superior: em pauta a cooperação Sul-Sul. *Educação Por Escrito*, 9(2), 380-397. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2018.2.30280>
- Dazzani, M. V. M., Teixeira, A. M. B., Freire, K. E. S., & Silva Filho, W. J. (2021). Universidade e justiça epistêmica: Uma proposta para a Psicologia Escolar e Educacional. In C. M. Marinho-Araujo & L. A. C. Dugnani (Eds.), *Psicologia Escolar na Educação Superior* (pp. 17-32). Campinas: Editora Alínea.
- Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013. (2013, 12 de março). Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G. Presidência da República. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/decreto/d7948.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7948.htm)
- Dionne, P., & Dupuis, A. (2021). Théorie culturelle-historique de l'activité (Cultural-Historical Activity Theory): counseling de carrière groupal collectif pour la justice sociale de femmes issues de minorités visibles. In N. Arthur, R. Borgen, & M. McMahon (Eds.), *Théories et modèles orientés sur la carrière: Des idées pour la pratique* (pp. 127-138). Québec, Canada: Presses de l'Université Laval.
- Hall, S. (1990). Cultural identity and diaspora. In: Ruthergord, J. (Ed.). *Identity, community, cultural difference* (p. 222-237). London: Lawrence & Wishart.
- Leal, F. G., & Moraes, M. C. B. (2018). Política externa brasileira, cooperação sul-sul e educação superior: o caso do programa estudante-convênio de graduação. *Educação & sociedade*, 39(143), 343–359. <https://doi.org/10.1590/es0101-73302018174127>
- Leal, F., Moraes, M. C. B., & Oregioni, M. S. (2020). Questionando o discurso e a prática de internacionalização da educação superior predominantes na América Latina. *Education policy analysis archives*, 28(132), 1-23. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.3904>

- Lima, L. de S., & Feitosa, G. G. (2017). Sair da África para estudar no Brasil: fluxos em discussão. *Psicologia & Sociedade*, 29, 1-10. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162231>
- Maciel, W. (2017). Usos de uma cidade da liberdade: estudantes africanos em Redenção. *Caderno CRH*, 30(79), 189–201. <https://doi.org/10.1590/s0103-49792017000100012>
- Mallard, S. D. S., Cremasco, M. V. F., & Metraux, J. C. (2015). Estrangeiridade e Vulnerabilidade Psíquica: Algumas Contribuições Psicanalíticas. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 31(1), 125–132. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015011786125132>
- Marques, W. (2013). Expansão e oligopolização da educação superior no Brasil. *Revista da Avaliação (Campinas)*, 18(01), 69-83. <http://educa.fcc.org.br/pdf/aval/v18n01/v18n01a05.pdf>
- Mourão, D. E., & Abrantes, C. S. A. (2020). Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder. *Mediações*, 25(1), 64-81. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2020.1v25n1p64>
- Munanga, K. (2001). Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. *Sociedade e cultura*, 4(2), 31-43. <https://www.redalyc.org/pdf/703/70311216002.pdf>
- Okawati, J. A. A. (2015). *Estudantes africanos na UFSC: (Des)encantos extramuros na jornada acadêmica* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134945>
- PEC-G. (2014). *PEC-G: Comemoração dos 50 anos do Programa*. Encontro Nacional PEC-G. Brasília. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=17024-pec-g-divulgacao-encontro-nacional-nov-2014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17024-pec-g-divulgacao-encontro-nacional-nov-2014&Itemid=30192)
- Picard, F., Trottier, C., & Doray, P. (2011). Conceptualiser les parcours scolaires à l'enseignement supérieur. *L'orientation scolaire et professionnelle*, 40(3), 1-20. <https://doi.org/10.4000/osp.3531>
- Pizzinato, A., Hamann, C., Tedesco, P. D. C., & Jalmusny, Y. (2017). Aspectos étnico-raciais e de gênero na inserção universitária de jovens africanas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 22, 732-751. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227037>
- Silva, K. D. S., Silveira, H. M. D., & Muller, J. (2018). Santa Catarina no roteiro das diásporas: os novos imigrantes africanos em Florianópolis. *Revista Katálysis*, 21, 281-292. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p281>
- UNESCO. (1998). *Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação*. Paris.

## **EMBRACE AND EXPERIENCES OF INTERNATIONAL STUDENTS IN THE PEC-G PROGRAM: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION**

### **Abstract:**

This article explores how the educational principle of welcoming can benefit the academic trajectories of international students in the Undergraduate Student-Exchange Program (PEC-G) in Brazil. The study reviewed seven national scientific articles on the welcoming and experiences of PEC-G students, revealing challenges such as policy and initiative inconsistencies, prejudice, racism, and loss of cultural identity. The article suggests that psychology can contribute to strengthening the bonds of the university community and supporting students' transition into a new academic and cultural environment. By promoting an inclusive and supportive academic community, the principle of welcoming can help international students thrive in their academic pursuits and foster positive cross-cultural interactions in higher education.

**Keywords:** Undergraduate Students-Exchange Program (PEC-G), Embrace, Higher Education, International Students.